

# **“Karl Marx: uma biografia; José Paulo Netto: uma antologia”. Resenha do livro *Karl Marx: uma biografia*, de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2020.**

João Leonardo Medeiros\*

Programada para ser lançada em 2018, como uma edição comemorativa dos 200 anos do nascimento de Karl Marx (1818-1883), a esperada biografia escrita por José Paulo Netto (1947-) foi finalmente entregue ao público neste ano dramaticamente histórico de 2020. Publicada pela editora Boitempo<sup>1</sup>, a obra, intitulada *Karl Marx: uma biografia*, nasce clássica, por diversas razões, dentre as quais se pode destacar imediatamente três: a notoriedade merecida do biógrafo; a hiperdimensão da pesquisa que fundamenta o trabalho, tanto no que se refere a fontes primárias quanto secundárias; por fim e como resultado, a qualidade alcançada pelo texto final, em termos de forma e de conteúdo.

De fato, é um empreendimento corajoso escrever uma biografia de Marx, ainda mais no Brasil, distante um oceano das terras em que viveu o autor e pelas quais se espalham seus escritos. A vida de Marx já fora objeto de biografias diversas, algumas bastante minuciosas, sendo inclusive muito rica uma das obras pioneiras nesse domínio, aquela escrita por Franz Mehring ([1918] 2014). Essa literatura expandiu-se bastante nos últimos anos, impulsionada pela divulgação de novos materiais produzidos por Marx (rascunhos, textos inteiros, correspondências) da década de 1970 em diante e, mais recentemente, pela já referida celebração dos duzentos anos de seu nascimento<sup>2</sup>.

Diante das alternativas existentes fica sempre a dúvida sobre a pertinência de dedicar o tempo a mais uma biografia de Marx ou, em se tratando de um/a leitor/a que desconheça sua vida, sobre a escolha do texto de José Paulo Netto

---

\* Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo e da Sociedade Brasileira de Economia Política.

<sup>1</sup> Lamentavelmente, vejo-me obrigado a registrar uma queixa: é uma pena que uma obra como essa, que certamente será utilizada como referência para pesquisas diversas, seja publicada sem um índice remissivo, temático. Infelizmente, esse tem sido o padrão adotado pela editora, inclusive para obras teóricas. Por outro lado, é preciso registrar o primoroso acabamento do livro e a ótima seleção de ilustrações e fotos. Outro ponto altíssimo da edição é a apresentação redigida por João Antonio de Paula.

<sup>2</sup> Pode-se destacar, dentre as biografias mais recentes, a de Michael Heinrich (2018); Marcello Musto (2018a; 2018b); Gareth Stedman Jones (2017); Mary Gabriel (2013); Francis Wheen (2001).

em detrimento de outro qualquer. Essa dúvida seria ainda reforçada pelo próprio autor que, na nota introdutória, delimita o público que considera que poderia tirar o maior proveito do texto: “um leitor minimamente instruído, interessado numa aproximação séria a Marx [...]” [31]<sup>3</sup> e não um leitor eventual, que buscase, digamos assim, uma biografia de Twitter ou Wikipedia. O que parece uma advertência meramente defensiva é, na realidade, a expressão maior da qualidade da biografia e a justificativa mesma para a sua leitura, seja pelo/a leitor/a iniciante, seja pelo/a já experiente: seu diferencial é a qualidade da interpretação da obra de Marx.

Isso não é exatamente surpresa. José Paulo Netto talvez seja o mais importante e instruído dentre os marxistas brasileiros vivos. Portador de uma cultura vastíssima, de um saber teórico enciclopédico, de um conhecimento profundo da obra de Marx e do marxismo em geral e militante incansável por muitas décadas, Netto é indubitavelmente um patrimônio da causa comunista<sup>4</sup>. Suas qualidades como intelectual e militante são mobilizadas no texto, dotando-o de uma qualidade ausente em algumas outras biografias: a profundidade da interpretação teórica não entra em conflito com a qualidade do próprio registro biográfico. O texto se vale, portanto, da análise densa de um acadêmico do mais alto quilate na síntese e apresentação das obras e da paixão de um militante na reconstituição humanizadora e não mitologizante da vida omnilateral do Marx de carne e osso.

A redação do livro expressa essa qualidade. Embora percorra cronologicamente a vida de Marx, registrando com riqueza de detalhes fatos conhecidos de sua vida e daqueles no seu entorno (pai e mãe, Jenny, o sogro, as filhas, Engels, os companheiros de estudo e/ou militância etc.) lançando luz sobre fatos novos ou pouco destacados, nos oito capítulos que a constituem (excluindo a apresentação e o lindíssimo epílogo) espaço privilegiado é reservado para a interpretação das obras e, a partir delas, para a reconstituição do desenvolvimento intelectual do biografado. Netto rechaça (corretamente) as tentativas de fracionar a obra de Marx em dois momentos irreconciliáveis e demonstra que defender seu caráter unitário não é o mesmo que percebê-la como um monolito, no qual camadas de conhecimento sedimentam sobre outras previamente estabelecidas *once and for all*.

Após reconstituir com rigor e sentimento a formação de Marx como pessoa, intelectual e militante nas primeiras décadas de sua vida no Capítulo I e em

<sup>3</sup> As páginas da obra aqui resenhada serão indicadas desta forma, entre colchetes.

<sup>4</sup> Para evitar uma longa lista de referências, indico apenas a coletânea organizada por Marcelo Braz: *José Paulo Netto. Ensaios de um marxista sem repouso*. (Braz, 2017)

parte do Capítulo II, o texto começa a exibir sua virtude específica já no exame dos *Cadernos de Paris* [88-99] e dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* [100-131]. Quem conhece a obra do biógrafo já poderia nutrir uma grande expectativa com relação a essa passagem do texto. Afinal de contas, Netto assina uma das melhores apresentações desse material (Netto, 2015) e possui uma interpretação bem sustentada das categorias que indubitavelmente ocupam o centro da preocupação intelectual de Marx naquele momento de partida do que viria ser a crítica da economia política: a alienação, o estranhamento e sua concepção de natureza humana. É, de fato, importante que o autor tenha preservado na biografia a orientação de sua edição dos *Cadernos* e dos *Manuscritos*, pois seu exame em conjunto permite perceber que a capacidade autocrítica de Marx é precoce e pode ser reconhecida mesmo em textos redigidos numa mesma empreitada.

À medida em que o livro avança para o período de Bruxelas (de que se ocupa seu Capítulo III), ganha ênfase, como não poderia deixar de ser, por um lado, a aproximação de Marx com o proletariado e com o movimento comunista e, por outro, sua ruptura crítica com o idealismo em geral, com o hegelianismo democrático e, no geral, antirreligioso (o dito “de esquerda”) e com o materialismo vulgar<sup>5</sup>. As três obras seminais produzidas nesse momento são devidamente valorizadas na reconstituição de Netto: *A Ideologia Alemã* [153-171] (incluindo, com destaque e num tratamento prévio, *Teses sobre Feuerbach* [144-153]), *Miséria da Filosofia* [175-192] e o *Manifesto do Partido Comunista* [195-203].

É preciso fazer uma anotação importante sobre a maneira como Netto lida com o conteúdo extenso e com a forma caótica de *A Ideologia Alemã*. Em primeiro lugar, na análise desta colaboração entre Marx e Engels, como na da anterior, *A Sagrada Família* [133-138], boa parte do texto está distante do interesse do/a leitor/a de nossa época, tendo mesmo caducado seja pela superação da conjuntura que o motivava, seja porque as ideias sob crítica perderam sua vitalidade. [134; 155] Todavia, e em segundo lugar, a caducidade de parte do texto não elimina a importância do conjunto do argumento, sobretudo no caso de *A Ideologia Alemã*.

<sup>5</sup> Há algo muito interessante na forma como Netto descreve os diversos rompimentos de Marx, que envolveu pessoas de seu círculo pessoal, como Bruno Bauer e Arnold Ruge. Quem lê uma biografia de Marx fica com a impressão de que esses rompimentos foram definitivos e puseram os envolvidos em cantos opostos, seja no plano pessoal e/ou político. Netto oferece diversos indícios para revisar esse entendimento. Por exemplo, ele registra *en passant* os diversos encontros entre Marx e Bruno Bauer na década de 1850 [545 n. 98] e a recepção muito positiva do Livro I de *O Capital* por Feuerbach e Ruge. Vale a pena registrar uma passagem da avaliação de Ruge, com quem Marx havia rompido ainda em 1844: “É um trabalho que vai fazer história e lança uma luz brilhante, algumas vezes intrigante, no desenvolvimento, declínio, dor de parto e terríveis e dolorosas doenças do atual período social. [...] O conhecimento de Marx é amplo e erudito e ele possui um esplêndido talento dialético. O livro [...] certamente abrirá caminho, apesar da sua grandeza, ou talvez exerça uma influência poderosa justamente por isso” Ruge *apud* [667 n. 3].

A obra contém os fundamentos filosóficos daquilo que veio a ser chamado de materialismo histórico, incluindo alguns princípios fundantes da visão de mundo inaugurada pela obra de Marx (e Engels). Em alguns casos, como na concepção de natureza humana e na teoria do valor (principalmente na crítica a Proudhon), há clara evolução com relação ao entendimento anterior; em outros, como na própria concepção da sociedade como uma totalidade dinâmica (histórica), já se distingue uma forma praticamente definitiva, cujo contorno geral se preservaria na obra de Marx a partir daí. A interpretação de Netto também aqui se destaca, não apenas porque se livra de interpretações vulgares, deterministas, mas porque também se mostra decidida em assuntos controversos.

Por exemplo, inspirando-se abertamente em Lukács, Netto defende que a noção de ideologia de Marx se desenvolve a partir dessa concepção original. [232] Quem conhece a obra ontológica de Lukács, é capaz de perceber sua influência sobre esse momento do texto, mas também é capaz de perceber a liberdade de Netto como intelectual: se admite o entendimento do Lukács maduro sobre ideologia como a interpretação mais desenvolvida de Marx, Netto se esquia da teoria do estranhamento que Lukács elabora a partir dessa concepção de ideologia, aproximando-se, neste caso, da letra do texto marxiano. Naturalmente, alguém pode concordar ou discordar de sua interpretação, mas é muito difícil desqualificar o entendimento de Netto como trivial<sup>6</sup>.

Nos três capítulos seguintes, IV a VI, Netto se debruça pouco a pouco sobre os momentos de definição do Marx-que-entrou-para-a-história. Desde os percalços da primeira década no exílio londrino, que contam com um período de horrorosa miséria nos seus primeiros anos, algumas das facetas mais conhecidas do Marx-que-entrou-para-a-história são ali pronunciadas: seu trabalho brilhante e duradouro como jornalista profissional (que remonta ao início dos anos 1840, mas acaba por adquirir mais frequência e continuidade na década de 1850); sua atividade militante (a partir de 1864, quando retorna à vida pública com a participação ativíssima na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), da qual foi dirigente até 1872); o trabalho na crítica da economia política, da qual resulta como obra maior *O Capital*.

<sup>6</sup> É importante dizer o seguinte: se o/a prezado/a leitor/a não tem qualquer concordância com a interpretação de Netto, talvez seja o caso de rever sua própria autodeclaração como marxista; e *o mesmo pode ser dito de uma plena concordância!* De minha parte, acho particularmente problemática a livre substituição da palavra trabalhador por operário, que expressa mais do que uma simples opção na tradução da palavra *Arbeiter*. Cf.: (Netto e Braz, 2007, p. 220). Defendi (Carcanholo e Medeiros, 2012) e defendo que a qualificação de trabalhador como operário rompe com um momento importante da teoria do valor de Marx, aquele em que o autor associa valor a trabalho abstrato, categoria em que se abstrai justamente do caráter útil do trabalho. Isso sem contar com o fato de que a conformação da classe trabalhadora se alterou ao longo do século XX, reduzindo o peso *relativo* do operariado em escala mundial, o que evidentemente minaria a importância prática e política da obra de Marx, caso ela tratasse do operário *stricto sensu*.

Os elementos destacados no último parágrafo não exaurem o conteúdo a que se referem e Netto é capaz de recuperar muitos ângulos da vida e do pensamento crescentemente complexos de seu biografado<sup>7</sup>. Mas aqueles são os momentos que recebem, acertadamente, mais destaque no texto. No que se refere ao trabalho jornalístico de Marx, Netto demonstra sua importância para (e a conexão com) a abordagem de episódios históricos que conferiram ao autor grande notoriedade, sobretudo sua análise da França de meados do século XIX [253-263] e da Comuna de Paris [426-437]. Quanto à atividade como militante e dirigente da AIT, Netto retrata fielmente a enorme contribuição de Marx para a conformação dos movimentos de representação da classe trabalhadora, valorizando muito seu comportamento firme e teoricamente instruído, mas não sectário ou dogmático. Quanto à crítica da economia política, é preciso abrir mais um parágrafo.

Talvez se questione as opções de Netto na reconstituição dos *Grundrisse* [304-348] e de *O Capital* [Capítulo VI], para não falar da ênfase relativamente menor conferida aos manuscritos intermediários (1861-1863 e 1863-1865 [348-352]), que têm sido crescentemente valorizados. A reconstituição dos *Grundrisse*, por exemplo, enfatiza a conhecida *Introdução de 1857* e dá menor destaque a trechos muito valorizados, sobretudo do capítulo sobre o capital<sup>8</sup>. Permitam-me, quanto a isso, uma franca opinião, que resvala a indelicadeza: aqueles/as que julgam que a reconstituição deveria ser feita de outro modo, talvez pudesse prepará-la por si próprios/as! Explico a seguir.

O livro é escrito por José Paulo Netto e não por um coletivo de autores que nos inclua. Sua interpretação é riquíssima, segue uma linha teórica bem definida, explicita seus antecedentes (que são variados, destacando-se, pelo peso das citações, Mandel, Dussel e Lukács, dentre outros) e tem ampla sustentação textual. Há que se reconhecer nessa interpretação seus méritos, mais que julgar eventuais escolhas que, de todo modo, teriam de ser feitas. E são muitos os méritos da maneira como Netto examina e sintetiza os materiais que dão forma à crítica da economia política de Marx, dentre os quais se destacam: a capacidade de oferecer uma imagem sintética de conjunto da crítica; a capacidade de revelar o nexos com a produção antecedente (e subsequente, no caso do Livro I); a notável iluminação de seu fundamento metodológico.

<sup>7</sup> Por exemplo, apenas para destacar alguns elementos: a intimidade da vida familiar, retratada sem afetações; a pesquisa em campos diversos, desde a matemática até a história das formações pré-capitalistas, passando pela biologia evolutiva, pelas ciências da natureza, pelas línguas, pela literatura; as polêmicas extravagantes nas quais se envolveu Marx.

<sup>8</sup> Para oferecer outra ilustração pontual: na síntese de *O Capital*, alguém poderia questionar a pouca ênfase numa temática muito importante para a discussão sobre ecologia, a rotação do capital, na reconstituição do Livro II [366-371].

Quem atravessar a parte em que a biografia lida com *O Capital* acreditando que o melhor já se foi, ficará imensa e positivamente surpreso com os capítulos finais. Além de valorizar pesquisas recentíssimas sobre o Marx pós-1870, que romperam em definitivo com a antiga imagem de um pensador decadente intelectualmente já a partir de 1875, Netto ainda brinda o leitor com uma interpretação muito rica da concepção de comunismo de Marx. Isso envolve não apenas a análise de textos, como o imprescindível *Crítica ao Programa de Gotha* [452-460], mas o próprio relato do modo como Marx reagiu a acontecimentos políticos importantes no período final de sua vida. Os registros da correspondência com Engels, Bebel, Liebknecht e muitos outros e de sua relação com Lasalle e com seus discípulos são dignos de nota. O livro se encerra com uma descrição emocionante dos últimos dias da vida de Marx e com um epílogo magistral. Evitando um *spoiler*, o que posso antecipar é que tudo acaba em poesia.

Não é comum que uma resenha se estenda para além da dimensão desse texto. Concluo, portanto, laconicamente recomendando que, em caso de dúvida, leia a biografia de Marx escrita por José Paulo Netto. O livro é uma espécie de dois em um: uma biografia de Marx e uma antologia de José Paulo Netto.

### Referências

- BRAZ, M. (org.). *José Paulo Netto. Ensaios de um marxista sem repouso*. São Paulo: Cortez, 2017.
- GABRIEL, Mary. [2011] *Amor e Capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*. Volume 1: 1818-1841. São Paulo: Boitempo, 2018.
- JONES, Gareth Stedman. [2016] *Karl Marx: grandeza e ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARCANHOLO, Marcelo e MEDEIROS, João Leonardo. “Trabalho no capitalismo contemporâneo: pelo fim das teorias do fim do trabalho”, *Revista Outubro*, n. 20, primeiro semestre de 2012.
- MEHRING, Franz. [1918] *Karl Marx: a história de sua vida*, 2ª edição. São Paulo: Sundermann, 2014.
- MUSTO, Marcello. [2016] *O Velho Marx: biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. São Paulo: Boitempo, 2018a.
- MUSTO, Marcello. *Another Marx: early manuscripts to the International*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018b.
- NETTO, José Paulo. “Apresentação: Marx em Paris”. In: MARX, Karl. *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico Filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*.  
3ª. edição, São Paulo: Cortez Editora, 2007.  
WHEEN, Francis. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Recebido em 22 de dezembro de 2020  
Aprovado em 24 de dezembro de 2020